

E. C. PELOTAS, CAMPEÃO ESTADUAL EM 1930



Diferente do G. E. Brasil, no Pelotas, nesta data, ainda não havia jogadores negros. (Revista Esporte Clube Pelotas 90 Anos: 1908 - 1998. 1998, p. 10.)

3.7 O Mesmo e o Outro num futebol de fronteira²⁰⁵

Nós jogamos com marinheiros de navios [...] O S. C. Rio Grande convidou o Estudiantes. Eles estiveram aqui e

²⁰⁵ A problemática do 'mesmo e do outro', da diferença, é um dos temas priorizados pelas Ciências Humanas contemporâneas. Entre outros autores que dedicaram atenção ao tema se encontra Michel Foucault. Na introdução do seu livro "As Palavras e as Coisas", reportando-se a outra obra sua, "A história da loucura", ele assinala que "a história da loucura seria a história do Outro — daquilo que, para uma cultura é ao mesmo tempo interior e estranho, a ser portanto excluído (para conjurar-lhe); a história da ordem das coisas seria a história do Mesmo — daquilo que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, a ser portanto distinguido por marcas e recolhido em identidades". (FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 14.) Sobre a diferença — infância, velhice, migração, loucura —, ver também: (LARROSA, J. PÉREZ DE LARA, N. (Orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998.)

depois retribuimos a visita indo a Buenos Aires. Nós convidamos o Vasco da Gama, o Flamengo e o Botafogo para jogarem aqui no Rio Grande e todos vieram.²⁰⁶

Jogamos com o Peñarol, com o Nacional. O Pelotas jogou lá em Montevidéu e o Brasil também. Era interessante porque tinha jogadores uruguaios famosos aqui. Este aqui [apontando para a foto] é um, se chamava Pierro, jogou aqui em 45. Tinha um jogador que não aparece na foto, se chamava Palermo, do Peñarol, esse jogador era fabuloso. Ele esteve nesta época aqui. Este outro também é uruguaio. Não me lembro o nome dele.²⁰⁷

As passagens apresentadas acima, uma referente aos jogos amistosos realizados pelo S. C. Rio Grande e a outra pelo E. C. Pelotas, além de se complementarem do ponto de vista geográfico regional, abrangem duas cidades, explicitam um pouco os intercâmbios e os cruzamentos geoculturais presentes na emergência e na trajetória histórica do futebol dessa região. Indicam interferências culturais forjadas a partir das trocas de experiências estabelecidas com o futebol do centro do país e do estrangeiro, inicialmente o europeu, e logo em seguida com o platino, principalmente o argentino e o uruguaio.

As interferências externas sobre o futebol da região materializavam-se principalmente através das partidas combinadas e das trocas de jogadores que migravam de um lugar para o outro levando consigo rastros da cultura e do próprio futebol de onde procediam. Durante as duas primeiras décadas, devido à proximidade geográfica, a influência exercida pelo futebol platino superou a do centro do país. Eliseu de Mello Alves assinala que já em 1910 a cidade de Pelotas presenciou o seu primeiro jogo internacional quando o E. C. Pelotas recebeu a visita da equipe do Estudiantes de Buenos Aires, jogo que acabou com a vitória tranquila dos argentinos

²⁰⁶ Entrevista com Seu Dennis Lawson, 1996.

²⁰⁷ Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999.

por 7 a 0²⁰⁸. No ano seguinte, o mesmo Pelotas foi novamente o protagonista de outro jogo internacional na cidade. Dessa vez, ele foi o anfitrião do "Scratch" uruguaio. Apesar da vitória um tanto humilhante dos uruguaio por 12 a 0, o que atesta o estado de desenvolvimento do futebol uruguaio naquela data, Eliseu de Mello Alves destaca o significado sociocultural desse acontecimento para a cidade, observando que "o pavilhão, arquibancadas, todos os espaços enfim, ficaram tomados por uma multidão calculada em mais de quatro mil pessoas, a nossa população era de 37 mil habitantes em 1911"²⁰⁹.

Nos anos que se seguiram, junto com o crescimento do futebol da região, presenciávamos também um aumento dos jogos envolvendo os times da cidade e os de fora. Além das partidas estaduais e internacionais, crescia também o número de excursões pela região de equipes de renome nacional, prioritariamente do Rio e São Paulo.

Com a proximidade do profissionalismo e com a mutação que se instituiu na natureza das disputas após o início dos campeonatos citadinos — Rio Grande, 1912, e Pelotas, 1913 —, quando se acentuavam as rivalidades locais e regionais, além dos jogos amistosos, os intercâmbios futebolísticos foram acelerados pelo vai-e-vem, cada vez maior, de jogadores de uma equipe, de uma cidade, ou ainda de um país para outro.

Enquanto o G. E. Brasil foi pioneiro e referendou sua popularidade agenciando jogadores negros e pobres junto aos times menores da cidade ainda na década de 20, o E. C. Pelotas, por ser o clube que desfrutava de melhores condições econômicas, singularizou-se como o que mais trazia jogadores de fora da cidade. Dentre os estrangeiros, destaca-se a vinda de

²⁰⁸ ALVES, E. M. *O futebol em Pelotas, 1901 - 1941*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984, p. 21.

²⁰⁹ *Ibid.*, p. 24. A equipe do Estudantes, além do E. C. Pelotas enfrentou e venceu o S. C. Rio Grande e o "scratch" Porto Alegrense. A seleção uruguaia, por sua vez, derrotou o S. C. Rio Grande, o Grêmio F. Portoalegrense e um "scratch" Gaúcho.

atletas uruguaio, que na época possuíam grande prestígio no futebol internacional. Sobre a participação deles na história do clube, a revista comemorativa dos seus 90 anos lembra que "o Pelotas, preocupado com o desempenho do time em 1915, trouxe do Rio de Janeiro seus primeiros uruguaio, os irmãos Juan e Augusto Bertone, craques de primeira linha, que jogavam pelo América. Em seguida, veio Norberto Ojeda". Um pouco mais adiante, a mesma revista comenta que "a lista é enorme" e, além de acrescentar outros nomes, destaca que "El Pancha, por exemplo, formou respeitável zaga com Roberto Stephan, em 1918"²¹⁰.

Apesar dos diversos casos anteriores, foi nos anos 30 que essa propensão ao nomadismo intensificou-se dentro do futebol brasileiro. Ganhou visibilidade e conquistou uma determinada legitimidade sociocultural dentro do futebol, quando muitos dos nossos craques, na busca de melhores condições profissionais, optavam por sair do país e ir jogar na Europa, principalmente na Itália e nos vizinhos Argentina e Uruguai, países em que o profissionalismo fora oficializado em 1931 e 1932, respectivamente. Sobre esse movimento migratório, Waldenyr Caldas especifica que "logo após a legalização do futebol argentino, iriam jogar pelo San Lorenzo de Almagro, Petronilho, Vani, Ramon, Teixerinha e Tufy, todos de São Paulo"²¹¹. O autor prossegue a exemplificação registrando que no ano seguinte iriam para o futebol uruguaio "Congo, Martin, Leônidas da Silva e Domingos da Guia"²¹². Caldas argumenta que essa situação colocava os times brasileiros em uma posição de mero trampolim para as equipes de outros países, com "uma função idêntica a que têm hoje os times pequenos do interior: revelar bons jogadores para os times grandes da capital"²¹³.

²¹⁰ Revista dos 90 anos do Esporte Clube Pelotas. 1908/1998, p. 16.

²¹¹ CALDAS, op. cit., p. 203.

²¹² *Ibid.*, p. 203.

²¹³ *Ibid.*, p. 203.

No contexto interno do nosso futebol, proporcional à implementação da profissionalização, vimos proliferar o hábito do jogador mudar de equipe. A adesão, oficial ou não, de vários clubes a posturas profissionalizantes, intensificou as disputas pelos jogadores de maior reconhecimento que permaneciam no país. Paralelamente a isso, muitos clubes optavam por garimpar novos craques junto às ligas e aos times menores, seduzindo-os com recompensas de dinheiro, trabalho, roupas, etc.

Guardadas as diferenças temporais e as devidas particularidades geográficas, isso parece ter sido um traço comum nas práticas do futebol brasileiro dos anos 30. Os jogadores, principalmente aqueles com intenções profissionais, começavam a transitar de uma equipe para outra e, muitas vezes, na procura da melhor proposta, eram levados a mudar não só de time, mas também de cidade ou de país. Essa tendência ampliou a diversidade dentro do futebol. As equipes, principalmente as maiores, gradativamente foram tornando-se um espaço aglutinador de jogadores de diferentes classes sociais, raças e nacionalidades. Menos homogêneos, os principais times, pouco a pouco, deixaram de caracterizar-se como um reduto do 'mesmo', tendência que predominou nos grandes clubes de futebol no início do século, quando a maioria deles esforçava-se para constituir times que fossem fiéis aos seus respectivos laços socioculturais.

O futebol jogado na Liga Pelotense, nos anos 30 e 40, apesar de ainda estar regido por um semiprofissionalismo, expressa os indícios desse novo futebol, marcado pela alteridade. Nele, muitos jogadores tornavam-se andarilhos, atletas semiprofissionais que passaram a 'viver da bola'. Rodando por diferentes equipes, eles levavam em suas bagagens as marcas de suas andanças e foram adotados, temporariamente, pelas torcidas dos diversos clubes por onde passaram.

Por serem estratégicos na configuração regional, os times de Pelotas absorviam também os jogadores procedentes de outras pequenas cidades situadas ao seu redor. Para eles vinham espontaneamente alguns jogadores, enquanto outros eram

chamados, na expectativa de conseguir um contrato semiprofissional, ou ao menos um emprego, uma fonte de renda por intermédio do futebol. Foi essa possibilidade que trouxe Seu Alcides de Jaguarão para Pelotas: "Eu tinha 19 anos e tinha vontade de sair de lá. Vim para trabalhar e jogar pelo Bancário. O futebol foi o meio com que eu vim [...] Trabalhei em Joaquim Oliveira. Era um emprego indireto"²¹⁴.

Apesar de diferentes times da cidade terem em seus quadros jogadores oriundos dos times menores da redondeza, o G. E. Brasil, por ser identificado como o time dos "negrinhos da estação" e por ter se tornado o clube de maior popularidade na cidade, foi o que mais usufruiu dessa facilidade para formar seus plantéis, pelo menos até meados dos anos 30.

Além dos jogadores pobres, dos negros e daqueles procedentes de equipes de outras cidades, o futebol da região singularizou-se e diversificou-se pela afluência que teve de jogadores platinos. Além de confirmada, essa particularidade foi enfatizada em diversos depoimentos. Facilmente nossos entrevistados recordavam e citavam uma lista de bons jogadores e técnicos platinos que aqui estiveram. Seu Plácido lembrou que "os clubes de Bagé e de Pelotas tinham uma quantidade enorme de jogadores uruguaios e argentinos [...] Jogadores de seleção"²¹⁵, ressaltou, com voz categórica.

Beneficiadas pela localização geográfica e pela significativa posição econômica e cultural que tinham na época, as cidades de Bagé e Santana do Livramento — essa última faz divisa seca com a cidade uruguaia de Rivera — foram elos de conexão do futebol da região com o uruguaio.

Bagé e Livramento eram pólos muito fortes, fortíssimos em futebol. O Guarany de Bagé sempre tinha em sua equipe vários jogadores do Nacional e do Peñarol,

²¹⁴ Entrevista com Seu Alcides. Durante o depoimento ele comentou que a primeira vez que veio a Pelotas jogou no C. A. Bancário, depois passou a jogar pelo E. C. Pelotas, clube que lhe fez uma melhor proposta de emprego.

²¹⁵ Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

jogadores fabulosos. O Pelotas mesmo, trouxe de Bagé um jogador que foi irmão de um que foi campeão da copa do mundo de 50 pelo Uruguai. Se chamava Terrera, era de um preço alto, e o Pelotas conseguiu trazer este jogador pra cá.²¹⁶

A característica do futebol moderno, expressa desde o século XIX, de ser uma prática cultural apta a quebrar fronteiras e limites territoriais, aliada à localização geográfica de Pelotas e Rio Grande (que facilitou a realização de jogos internacionais e trocas de jogadores), possibilitou a criação, nessas zonas de fronteira, de uma cultura do futebol não circunscrita obrigatoriamente aos limites nacionais. Alguns futebolistas de Pelotas já cultivavam essa curiosidade, essa vontade de acompanhar também o futebol platino.

Eu tinha um irmão que trabalhou e morou na Argentina e ele trazia pra mim a revista El Gráfico [...] Foi em 1958, tinha um time na Argentina, o Racing, que foi campeão. Eu olhei assim e vi aqueles jogadores famosos que depois jogaram em vários clubes do Brasil. Eu fixei esse time que até hoje eu não esqueço; tinha o goleiro Garcia, dois zagueiros, Jino Garcia e Garcia

²¹⁶ Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999. Com o intuito de ilustrar o papel exercido por Santana do Livramento e Bagé no futebol gaúcho, destaco suas principais conquistas estaduais: três títulos de campeão do estado, Guarany-BA em 1920, Grêmio de Bagé em 1925 e Grêmio Santanense, Santana do Livramento, em 1937. Juntas elas conquistaram ainda sete vice-campeonatos estaduais nos anos de 1926, 1927, 1928, 1929, 1940, 1944 e 1948. (*Revista da Federação Gaúcha de Futebol. Os Melhores Momentos. Edição Comemorativa -1918/1994. 76 anos. Porto Alegre, 1994.*)

É importante assinalar que o 14 de Julho F. C., de Santana do Livramento, fundado em 14 de julho de 1902, é o segundo clube de futebol mais antigo do Estado. Este sinal empírico mostra como a emergência do futebol no RS ocorreu simultaneamente em duas regiões distintas, distantes aproximadamente 400 Km uma da outra. Essa proveniência bifurcada reforça a tradição não homogênea do futebol dessas regiões de fronteira. Enquanto em Rio Grande, em função das trocas portuárias, predominou a influência inglesa e européia, em Santana do Livramento, cidade de zona de fronteira terrestre, destacou-se a influência do futebol uruguaio. No entanto, não muito mais tarde, essas duas vertentes iniciais do futebol gaúcho iriam cruzar e mesclar suas características.

Teles, Rastely e Gütierrez, Mendes, e Bravo, Simes, Suévis.²¹⁷

O processo migratório que se instituiu no futebol contribuiu para que os principais times da região misturassem jogadores procedentes do próprio clube com os que eram oriundos de outros times menores e os que vinham de fora da cidade. As equipes de Pelotas, ao mesmo tempo em que aproveitavam os jogadores procedentes dos times da região, também importavam e exportavam jogadores para Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Uruguai e Argentina.²¹⁸ Após a consolidação do profissionalismo, que ocorreu primeiro nos grandes centros do país por volta dos anos 40, intensificou-se a saída de craques da região para as equipes maiores. Conhecedores da situação proporcionada pela profissionalização, muitos jogadores migraram em busca de melhores contratos profissionais.

²¹⁷ Entrevista com Seu Virgílio Mozzilo, 1999.

²¹⁸ A fim de exemplificar o sentido andarilho do jogador da região, segue alguns dados biográficos do time do G. E. Brasil que foi campeão da cidade em 1946. Gastão Leal iniciou no F. C. Cerrito, depois jogou pelo G. A. Farroupilha e G. E. Brasil. Chico, Francisco C. de Araújo Silveira, iniciou no G. A. Farroupilha, depois jogou pelo Guarany de Bagé, Fluminense do RJ e G. E. Brasil. Ari M. dos Santos iniciou no São Francisco F. C., futebol menor, depois passou para o G. E. Brasil. Tibirica, Alcibiades Brisolára, começou no Marechal Floriano F. C., futebol menor, depois foi para o G. E. Brasil. Juvenal Amarijo iniciou no E. C. Vitoriense, depois jogou no G. A. Farroupilha e no G. E. Brasil. Enedino Tavares iniciou no Estrela F. C., futebol menor, depois jogou no G. E. Brasil. Mortosinha, Darci L. da Cunha, começou no 15 de Outubro, futebol menor, depois passou para o G. E. Brasil. Enrique Hernandez, natural de Montevideu, começou no Defensor F. C. daquela cidade, depois jogou no Peñarol, em Bagé-RS e no G. E. Brasil. Tite, Hugo Calandrelí, natural de São Paulo, começou no Palmeiras, SP., depois veio para o G. E. Brasil. Chambão, Osvaldo Rodrigues, iniciou no futebol menor, depois jogou no E. C. Fiaterci e no G. E. Brasil. Galego, Paulo de Souza Lobo, começou no G. E. Americano, futebol menor, depois ingressou no G. E. Brasil. Scamparini, Irineu Scamparini, natural de São Paulo, começou no Araras F. C., SP, depois veio para o G. E. Brasil. O Técnico foi Teté, Francisco J. Duarte. Síntese feita a partir do livro de bolso: *Salve GSB Campeões de 1946*. 1946.

É enorme o número de jogadores que partiram de Pelotas para fazer sucesso nas equipes de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro nas décadas de 30, 40 e 50. Mesmo tendo se afastado da cidade, eles permaneceram vivos na memória daqueles que compartilharam do início de suas carreiras. Resistindo ao tempo, esses jogadores que alcançaram um sucesso maior chegando às grandes equipes do país tornaram-se ícones na lembrança dos mais antigos e passaram a fazer parte da cultura futebolística da cidade. "O Juvenal, que foi zagueiro do Farroupilha, eu fui pegar ele em Santa Vitória [...] Depois ele foi pro Vasco, depois foi pro Palmeiras. Foi um zagueirão, foi até da Seleção Brasileira, aquela de 50, que perdeu o campeonato"²¹⁹.

A chegada do negro e do pobre e, um pouco mais tarde, do outro — aquele que vem de fora, o estrangeiro, o jogador profissional andarilho — caracteriza uma nova era em nosso futebol. Ele se torna mais híbrido, menos homogêneo e também menos romântico. Apesar desse novo futebol não ser uma exclusividade dessa ou daquela localidade, seu veio transversal de mestiçagem não exclui as especificidades regionais.²²⁰

Uma das particularidades que mais chama a atenção nesse futebol de Pelotas e região ao longo das suas diversas e constantes reconfigurações socioculturais, é a intensidade e a frequência das interfaces que ele estabeleceu com o futebol platino. Sua situação de fronteira facilitou os contatos com o futebol uruguaio e argentino praticamente durante toda a sua trajetória, sobressaindo-se em alguns episódios.²²¹

²¹⁹ Entrevista com Seu Plácido Nogueira, 1999.

²²⁰ Para uma síntese sobre as múltiplas influências étnicas e sociais presentes na emergência e na trajetória do futebol brasileiro, consultar: LOPES, J. L. As raízes mestiças do futebol brasileiro. *Revista Ciência Hoje*, SBPC, v. 24, n. 139, Jun. 1998.

²²¹ Eliseu de Mello Alves assinala a influência do futebol uruguaio na fundação do Atlético Foot-Ball Club (1904). Posteriormente o intercâmbio entre jogadores e técnicos, assim como os jogos amistosos internacionais aceleraram

Os jogos amistosos, a presença de jogadores, técnicos e de torcedores estrangeiros nas zonas de fronteira potencializaram as práticas do futebol como experiências culturais não-homogêneas, mestiças, híbridas. Práticas que se mesclam, de forma não-harmônica, códigos de diferentes classes, raças, etnias e nacionalidades.

Essa presença pulsante do futebol estrangeiro junto ao nosso torna-se mais significativa se considerarmos o momento atual, no qual ganham ressonância, dentro de diversos países, discursos fundamentalistas e práticas nacionalistas que tratam o outro, o estrangeiro, não como um diferente, mas sim como um adversário, quando não como inimigo.

Interagindo, admirando e incorporando fragmentos do futebol estrangeiro ao nosso, a experiência do futebol desafiou-nos a pensar e a implementar relações de alteridade. Relações "con el otro extranjeiro que permita mantener su potencialidad reflexiva, pero sin reducir lo que esa reflexividade pudiese tener de inquietante para a arrogancia de nuestro discurso, para la seguridad de nuestras prácticas y para la solidez de nuestra propia identidad"²²². Isso será possível caso nos convencermos que "para (re)conhecer real e radicalmente o outro, é imprescindível desensimesmar-se; isto que dizer, é mister perceber e agir a partir de, com e contra si mesmo"²²³.

essa tendência. ALVES, E. M. *O futebol em Pelotas, 1901 - 1941*. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

²²² LARROSA, J. Para Qué Nos Sirven los Extranjeros? In: _____. *Contra el Fundamentalismo Escolar; Reflexões sobre educación, escolarización y diversidad cultural*. Barcelona: Virus editorial, 1998, p. 53.

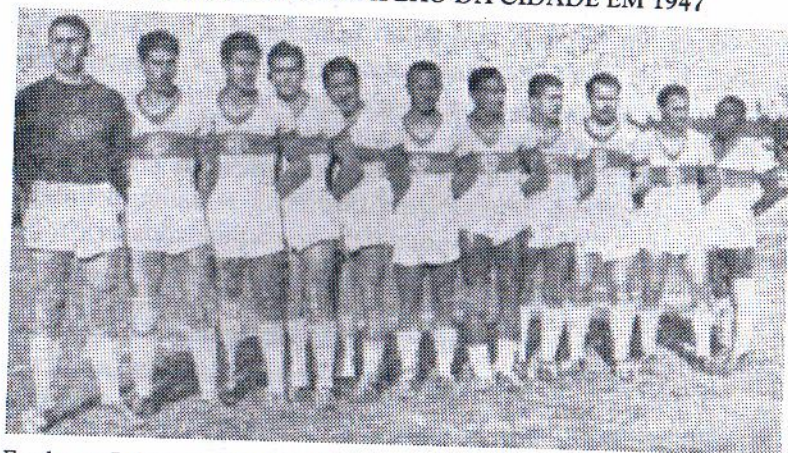
²²³ SANTAMARÍA, E. Do conhecimento de próprios e estranhos (discurso sociológico). In: LARROSA, J.; PÉREZ DE LARA, N. (Orgs.). *Imagens do Outro*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 64.

E. C. PELOTAS (1944)



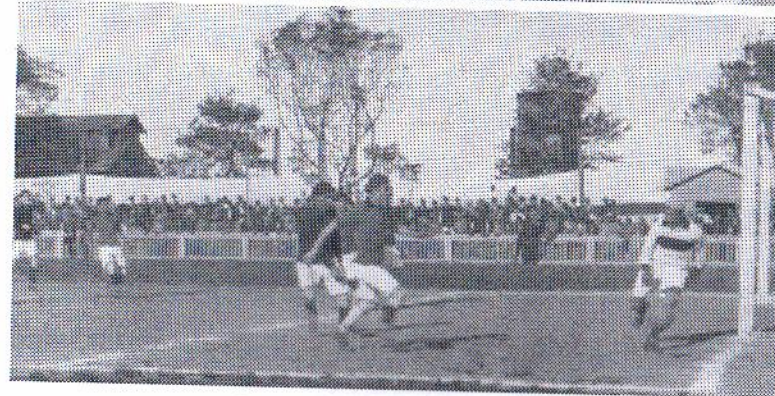
Bucheli jogou no E. C. Pelotas em 1944 e no G. E. Brasil em 1948. Palermo veio do Peñarol para o Pelotas em 1944. (Revista dos Esportes n. 41, 1952, p. 5.)

C. A. BANCÁRIO CAMPEÃO DA CIDADE EM 1947



Escalação: Polaco, Totino, Damião, Assis, Ataide, Vinicius, Laxixa, Leonidas, Negrito, Gonzaga, Soares, Pelado e Delamare. Técnico: Alípio Rodrigues. Fundado em 10 de Dezembro de 1925 o C. A. Bancário foi campeão cidadão em 1940 e em 1947. (Fonte: Revista dos Esportes n. 25, ano II, 1950, p. 8.)

TRÊS LANCES DE UM BRA-PEL (1928)



(Fonte: Acervo do E. C. Pelotas.)



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitora: Profa. Ingelore Scheunemann de Souza

Vice-Reitor: Prof. André Luiz Haack

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Francisco Elifaete Xavier

Diretor da Editora e Gráfica da UFPel: Manoel Luiz Brenner de Moraes

Projeto História e Etnias de Pelotas

Presidente da Câmara Municipal de Vereadores: Ademar Ornel

Reitora da Universidade Federal de Pelotas: Ingelore Scheunemann de Souza

Reitor da Universidade Católica de Pelotas: Alencar de Mello Proença

Secretário Municipal de Educação: Mauro Del Pino

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas: Eloísa Azevedo da Silva

Idealizador do Projeto: Eduardo Abreu

Coordenadores do Projeto: Mario Osorio Magalhães e Fábio Cerqueira

Revisão: Flávia Garcia Guidotti

Design Editorial e Capa: Flávia Garcia Guidotti

Ilustração da capa: Debret

Impresso no Brasil

ISBN: 85-7192-221-7

© Copyright 2004 – Luiz Carlos Rigo

Tiragem: 200 exemplares



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

R. Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS - CEP 96010-150 - Fone/FAX: (53) 227.3677

e-mail: editoraufpel@uol.com.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional

Marlene Cravo Castillo – CRB-10/744

R449m Rigo, Luiz Carlos
Memórias de um futebol de fronteira /
Luiz Carlos Rigo. - Pelotas: Editora
Universitária UFPel, 2004.
258 p.: il.
Publicada anteriormente como tese.
1. Futebol. 2. Cultura. 3. Memória.
4. Ensino. III. Título.
CDD 796.33

Aos narradores vivos e em memória.